

UMA EXPERIÊNCIA PIBID SOBRE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA: A CIÊNCIA TEM COR?

Kauanny Zalamena Braga ¹
Letícia Lauermann Krewer ²
Amanda Rafaela do Amaral Sortica ³
Angela Rohr ⁴

RESUMO

O presente relato de experiência descreve uma oficina realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), aplicada às turmas do 7º e 8º ano em uma escola municipal no noroeste do Rio Grande do Sul, com o tema “Dia da Consciência Negra: A Ciência tem Cor?”. A atividade teve como objetivo promover reflexões críticas e conscientização sobre a importância da Consciência Negra e a valorização da história e cultura, combatendo o silenciamento histórico de personalidades negras na ciência e na sociedade. A metodologia adotada foi qualitativa e estruturada em quatro momentos, distribuídos ao longo de duas horas, buscando o engajamento e a construção de saberes significativos. A sequência metodológica incluiu, o levantamento de conhecimentos prévios, uma apresentação dialogada de slides, abordando a figura de Zumbi dos Palmares, o significado do 20 de Novembro e o conceito de Consciência Negra, complementada por um vídeo reflexivo apresentando um experimento social chamado “Teste de Imagem”, que revela como o racismo estrutural e o preconceito inconsciente funcionam no Brasil. Também foi realizada uma dinâmica prática de confecção de cartazes sobre cientistas negros e para finalizar a apresentação e compartilhamento dos mesmos. Os resultados evidenciaram que os alunos demonstraram grande interesse em saber sobre esses cientistas e perceberam a importância de valorizar as diferentes culturas e a contribuição da população negra para o conhecimento universal. A experiência mostrou que a integração entre teoria e prática, aliada a recursos audiovisuais e dinâmicas participativas, favorece a construção de saberes críticos e contextualizados, reforçando a relevância do PIBID no desenvolvimento de competências pedagógicas.

Palavras-chave: Cientistas negros, 20 de Novembro, Conscientização.

INTRODUÇÃO

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha - IFFAR, kauanny.08025@aluno.iffar.edu.br;

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha - IFFAR, leticia.02050@aluno.iffar.edu.br;

³Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha - IFFAR, amanda.2022016092@aluno.iffar.edu.br;

⁴Doutora em Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Agronomia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel - RS, angela.rohr@educacaosr.com.br;



A educação brasileira, historicamente, tem sido marcada por lacunas e silenciamentos, especialmente no que diz respeito à representatividade e valorização das contribuições de grupos étnico-raciais marginalizados. A invisibilidade de personalidades negras no currículo escolar e nos materiais didáticos perpetua um ciclo de desvalorização, além de privar os estudantes brancos de uma compreensão mais completa e crítica da história e da ciência (TODOSPELAEDUCACAO, 2026; ALANA, 2026).

A ausência de referências e a perpetuação de estereótipos negativos contribuem para a manutenção de um imaginário social que sujeita a população negra, impactando diretamente o desenvolvimento educacional e profissional desses indivíduos. Nesse contexto, a promoção de uma educação antirracista torna-se imperativa, buscando não apenas combater o preconceito, mas também resgatar e celebrar as narrativas e os feitos de indivíduos que foram historicamente apagados. A ciência, muitas vezes percebida como neutra e universal, também foi construída dentro de contextos sociais excludentes, o que resultou na invisibilidade de cientistas negros e suas contribuições, reforçando a ideia de que a produção científica é um domínio exclusivo de determinados grupos étnicos (SANTOS, 2025).

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma iniciativa do governo federal promovida pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desempenha um papel crucial na formação de futuros professores, aproximando os licenciandos do contexto escolar e incentivando o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas (SOUZA, 2019). O PIBID proporciona aos estudantes de licenciatura a oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar, planejar e executar atividades didáticas, e refletir sobre sua prática pedagógica, contribuindo para a construção de uma identidade docente mais sólida e engajada. Através do PIBID, os licenciandos, em colaboração com supervisores escolares e coordenadores das Instituições de Ensino Superior (IES), elaboram e aplicam oficinas que buscam atender às necessidades educacionais dos estudantes, promovendo a construção de saberes significativos e contextualizados, e, muitas vezes, abordando temas transversais e socialmente relevantes, como as relações étnico-raciais (CORREA et al., 2022).

Este relato de experiência descreve uma oficina desenvolvida no âmbito do PIBID, com o tema “Dia da Consciência Negra: A Ciência tem Cor?”, aplicada a turmas do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal no noroeste do Rio Grande do Sul. A escolha do tema surgiu da necessidade de promover reflexões críticas sobre a Consciência Negra e a importância de valorizar essa data, combatendo o silenciamento histórico de personalidades negras na ciência e na sociedade. A invisibilidade de cientistas negros no



currículo escolar é um problema que afeta a percepção dos estudantes sobre a diversidade e a abrangência da produção científica, limitando a identificação. O objetivo principal da atividade foi promover a conscientização sobre a relevância da Consciência Negra, valorizar a história e cultura afro-brasileira e destacar as contribuições de cientistas negros.

METODOLOGIA

A oficina “Dia da Consciência Negra: A Ciência tem Cor?” foi planejada por um grupo de alunas do PIBID, responsáveis pelas intervenções em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental na região Noroeste do Rio Grande do Sul. A atividade foi direcionada a turmas do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, totalizando aproximadamente 11 alunos, e teve duração de duas horas, sendo estruturada em quatro momentos distintos. O planejamento da oficina considerou a faixa etária dos alunos, buscando estratégias didáticas que promovessem o engajamento ativo e a construção de saberes, alinhados aos princípios de uma educação crítica e antirracista.

O primeiro momento da oficina consistiu em um levantamento de conhecimentos prévios dos alunos, uma estratégia pedagógica fundamental para diagnosticar o que os estudantes já sabem sobre o tema e, a partir daí, construir novos conhecimentos. Foram realizadas perguntas introdutórias e abertas, como “Quais cientistas vocês conhecem?” e, subsequentemente, “Quais desses cientistas são negros?”. O objetivo era provocar uma reflexão inicial sobre a temática da representatividade na ciência e identificar as percepções dos estudantes sobre a diversidade no campo científico. Esta etapa foi crucial para contextualizar a discussão, evidenciar a invisibilidade de cientistas negros no imaginário coletivo dos alunos e despertar a curiosidade para as próximas etapas da oficina, criando um ponto de partida para a desconstrução de estereótipos e a valorização da diversidade na ciência.

No segundo momento, foi realizada uma apresentação expositiva dialogada, com o uso de slides e recursos visuais, intitulada “A Ciência tem Cor?”. Esta apresentação teve como foco abordar temas essenciais para a compreensão da Consciência Negra, incluindo o significado histórico e social do Dia da Consciência Negra, a importância da data de 20 de Novembro, a figura emblemática de Zumbi dos Palmares como símbolo de resistência, e a trajetória do movimento negro no Brasil. Para aprofundar a discussão sobre o racismo estrutural e o preconceito inconsciente, foi exibido um vídeo reflexivo, um experimento social conhecido como “Teste de Imagem”. Este recurso audiovisual teve como propósito gerar um



debate crítico sobre as desigualdades raciais que persistem na sociedade, tanto no passado quanto no presente, e como essas desigualdades se manifestam em diferentes esferas, incluindo a científica.

O terceiro momento foi dedicado a uma dinâmica prática e colaborativa, visando aprofundar o conhecimento sobre cientistas negros e suas contribuições. Os alunos foram divididos em três grupos, cada um sob a orientação e mediação de uma PIBIDIANA. Cada grupo recebeu um conjunto de materiais contendo nomes, imagens e informações detalhadas sobre dois cientistas negros de diferentes áreas do conhecimento. A tarefa principal consistia em confeccionar cartazes informativos e criativos. Os cartazes deveriam apresentar o nome completo do cientista, ano de nascimento e falecimento (se aplicável), área de atuação, suas principais contribuições para a ciência, as dificuldades enfrentadas em suas trajetórias (muitas vezes relacionadas ao racismo e à falta de oportunidades), curiosidades sobre suas vidas e imagens representativas. Materiais como folhas, canetas, lápis coloridos, tesouras e cartolinas foram disponibilizados para a confecção. O intuito dessa atividade era que os alunos, de forma colaborativa, analisassem criticamente as informações e apresentassem as trajetórias desses cientistas aos colegas, promovendo um estudo aprofundado, a valorização de suas contribuições e o reconhecimento da diversidade na produção científica.

Por fim, o quarto momento consistiu na socialização e apresentação dos cartazes produzidos pelos grupos. Cada grupo teve a oportunidade de apresentar os cientistas que estudaram e compartilhar suas descobertas com a turma, explicando as contribuições e as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos. Esta fase permitiu a troca de conhecimentos, a consolidação do aprendizado, a percepção da importância da representatividade negra na ciência. Ao final da socialização, os cartazes foram expostos no pátio da escola, em um local de grande circulação, ampliando o alcance da mensagem sobre o Dia da Consciência Negra e a importância da diversidade na ciência para toda a comunidade escolar, incluindo outros alunos, professores e funcionários.

REFERENCIAL TEÓRICO

Autores como Santos (2025) argumentam que a ciência, apesar de sua pretensão de neutralidade, foi construída em contextos sociais excludentes, resultando na falta de representatividade de estudantes negros no currículo escolar e nos livros didáticos. Essa ausência de modelos e referências impacta diretamente a identificação e o engajamento de jovens negros com as áreas científicas, perpetuando a ideia de que a ciência é um domínio



predominantemente branco. A importância da representatividade negra na educação básica é fundamental para a construção da autoestima e do senso de pertencimento de estudantes negros, ao mesmo tempo em que promove a conscientização sobre o racismo e seus efeitos entre os estudantes brancos (CORREA et al., 2022).

A figura de Zumbi dos Palmares e a celebração do 20 de Novembro como Dia da Consciência Negra são elementos centrais para a compreensão da resistência e da luta do povo negro no Brasil. Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, tornou-se um símbolo de resistência contra a escravidão e a opressão (TODA MATÉRIA, 2026; AGÊNCIA BRASIL, 2025). A abordagem desses temas em sala de aula, especialmente no Ensino Fundamental, é crucial para desconstruir preconceitos e promover uma visão mais justa e plural da história nacional.

Além disso, a valorização de cientistas negros, como Alice Ball, Viviane dos Santos Barbosa, Benjamin Banneker, Katherine Johnson, Ernest Everett Just, Percy Julian, Jaqueline Goes de Jesus e Milton Santos, é fundamental para desmistificar a ideia de que a ciência é um campo exclusivo de determinados grupos étnicos. Suas trajetórias, muitas vezes marcadas por superação de barreiras raciais e sociais, servem como inspiração e demonstram a diversidade de talentos e contribuições para o avanço do conhecimento. Silva (2007, p. 489) enfatiza que “aprender e ensinar em meio a relações étnicoraciais exige o reconhecimento das trajetórias e contribuições de todos os grupos que formam a nação brasileira”. A inclusão dessas narrativas no ensino de ciências não apenas enriquece o currículo, mas também fortalece a identidade dos estudantes e promove uma compreensão mais abrangente e inclusiva da ciência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina “Dia da Consciência Negra: A Ciência tem Cor?”, desenvolvida no âmbito do PIBID, foi estruturada em quatro momentos que se mostraram eficazes na condução das atividades e no engajamento dos alunos do 7º e 8º ano da EMEF Paul Harris. A duração de duas horas permitiu um aproveitamento adequado do tempo, proporcionando um ambiente propício para a reflexão e a construção de novos saberes.

No primeiro momento, o levantamento de conhecimentos prévios revelou uma lacuna significativa na percepção dos alunos sobre a diversidade na ciência. Ao serem questionados sobre cientistas que conheciam, os nomes mais citados foram predominantemente de cientistas brancos, como Marie Curie, Isaac Newton e Albert Einstein. A pergunta “Quais desses cientistas são negros?” gerou um silêncio inicial, seguido pela constatação de que, no



imaginário dos alunos, todos os cientistas eram brancos. Essa percepção inicial reforça a discussão de Santos (2025, p. 1), que afirma que “a ciência que deveria ser neutra, foi construída dentro de contextos sociais excludentes, de maneira que estudantes negros não encontram representatividade no contexto do currículo escolar e nos livros didáticos”. A ausência de referências negras no ensino de ciências reforça a invisibilidade e a desvalorização das contribuições afro brasileiras para o conhecimento universal, impactando a formação de identidades e a construção de um senso crítico sobre a história da ciência. No entanto, a partir dessa constatação, os alunos demonstraram grande interesse em aprender sobre cientistas negros, evidenciando a importância de trazer essas discussões para o currículo escolar e de desconstruir a ideia de que a ciência é um campo exclusivo de determinados grupos étnicos. A curiosidade despertada nessa fase inicial foi um indicativo do potencial da oficina em promover uma mudança de perspectiva entre os estudantes.

O segundo momento, com a apresentação de slides e o vídeo “Teste de Imagem”, que é um experimento social que expõe o racismo institucional no mercado de trabalho ao mostrar como profissionais de RH julgam as mesmas cenas de forma oposta: associam pessoas brancas a sucesso e criatividade (executivos, artistas), enquanto atribuem a pessoas negras papéis subalternos ou suspeitos (seguranças, pichadores, criminosos), foi fundamental para contextualizar a temática da Consciência Negra e do racismo estrutural. A explanação sobre a figura de Zumbi dos Palmares, a história da escravidão no Brasil, o significado do 20 de Novembro e as desigualdades raciais históricas e contemporâneas gerou um debate significativo e engajado entre os alunos. A discussão sobre a importância da representatividade na ciência e como, historicamente, muitos cientistas negros tiveram suas contribuições invisibilizadas, abriu caminho para a apresentação de nomes como Alice Ball, Viviane dos Santos Barbosa, Benjamin Banneker, Katherine Johnson, Ernest Everett Just, Percy Julian, Jaqueline Goes de Jesus e Milton Santos. A exibição do vídeo “Teste de Imagem”, provocou reflexões profundas sobre como o racismo se manifesta no cotidiano, muitas vezes de forma sutil e inconsciente, e a necessidade de combatê-lo ativamente. Os alunos demonstraram surpresa e indignação com as situações apresentadas no vídeo, o que contribuiu para a sensibilização e a conscientização.

O terceiro momento, a confecção de cartazes sobre cientistas negros, promoveu um engajamento prático e colaborativo de grande valia. Divididos em grupos, os alunos pesquisaram e discutiram ativamente as trajetórias dos cientistas designados, analisando suas contribuições para a ciência, as dificuldades enfrentadas em suas vidas (muitas vezes decorrentes do racismo e da falta de oportunidades) e curiosidades sobre suas descobertas. A



interação entre os membros dos grupos foi intensa, com trocas de informações e debates sobre a relevância de cada cientista. Embora algumas conversas paralelas tenham ocorrido, a intervenção e mediação da equipe do PIBID foram cruciais para garantir o foco na elaboração dos cartazes, reforçando a importância do trabalho colaborativo na construção do conhecimento. Essa atividade permitiu que os alunos se aprofundassem nas histórias desses cientistas, compreendendo não apenas suas descobertas, mas também o contexto social e racial em que viveram e produziram, desmistificando a ideia de que a ciência é um campo exclusivo de determinados grupos.

No quarto momento, a socialização dos cartazes, consolidando o aprendizado e promovendo a troca de conhecimentos. Os alunos apresentaram com entusiasmo os cientistas que estudaram, demonstrando um bom domínio das informações, capacidade de leitura e explicação. Destacaram a relevância das contribuições de cientistas como Jaqueline Goes de Jesus para a vacina da Covid-19 e a importância do trabalho científico para o bem-estar global. Os alunos relataram que não conheciam os cientistas estudados, o que reforça a necessidade de iniciativas como esta para preencher lacunas no currículo e promover a valorização da diversidade. Conforme Silva (2007, p. 502), “aprender e ensinar em meio a relações étnico-raciais exige o reconhecimento das trajetórias e contribuições de todos os grupos que formam a nação brasileira”. A exposição dos cartazes no pátio da escola ampliou o impacto da oficina, levando a mensagem sobre a representatividade negra na ciência para toda a comunidade escolar e contribuindo para uma educação mais equitativa e antirracista, ao mesmo tempo em que celebrou o trabalho e a criatividade dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da oficina “Dia da Consciência Negra: A Ciência tem Cor?”, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), demonstrou a relevância de abordagens pedagógicas que visam a promoção de uma educação antirracista e a valorização da cultura e história afro brasileira. A iniciativa, aplicada a turmas do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, evidenciou a lacuna existente no conhecimento dos alunos sobre cientistas negros e a necessidade urgente de integrar essas narrativas no currículo escolar.

Os resultados obtidos indicam que a metodologia adotada, pautada em levantamento de conhecimentos prévios, apresentação dialogada, recursos audiovisuais e atividades práticas e colaborativas, foi eficaz em despertar o interesse dos alunos e promover reflexões críticas. A



interação com as histórias de cientistas negros, muitas vezes invisibilizadas, permitiu que os estudantes compreendessem a importância da representatividade e a contribuição fundamental da população negra para o avanço da ciência e do conhecimento universal. A percepção dos alunos sobre a importância de valorizar as diferentes culturas e a necessidade de combater o racismo estrutural foi um dos pontos altos da experiência.

O PIBID, ao proporcionar aos licenciandos a oportunidade de planejar e executar intervenções pedagógicas como esta, reforça seu papel crucial na formação de professores engajados e conscientes da importância de uma educação inclusiva e equitativa. A experiência ressalta que a integração entre teoria e prática, aliada a recursos didáticos diversificados, favorece a construção de saberes críticos e contextualizados, capacitando os futuros educadores a atuarem como agentes de transformação social.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio e fomento à pesquisa e à formação docente. Agradecemos também à escola que foi realizada a de seus professores e alunos, pela colaboração e participação ativa na realização da oficina.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **20 de novembro**: saiba a origem da data e quem foi Zumbi dos Palmares. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-11/20-denovembro-saiba-origem-da-data-e-quem-foi-zumbi-dos-palmares>. Acesso em: 23 fev. 2026.

ALANA. **Representatividade negra no currículo escolar**. Disponível em: <https://alana.org.br/representatividade-negra/>. Acesso em: 23 fev. 2026.

CORREA, A. G.; SILVA JUNIOR, P. M.; CARVALHO, É. L. Quando a representatividade importa: reflexões sobre racismo, valorização identitária negra e Educação Básica. **Práxis Educativa**, v. 17, p. 1-20, 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092022000100465&script=sci_arttext. Acesso em: 23 fev. 2026.

SANTOS, Toni Donizete dos. **A invisibilidade dos cientistas negros e o eletromagnetismo como base no desenvolvimento humano e social**. 2025. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Araranguá, 2025.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, [S. l.], v. 30, n. 3, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2745>. Acesso em: 23 fev. 2026.

SOUSA, R. N. De; COSTA, F. R. da. Consciência negra e luta: leituras e reflexões acerca do dia 20 de novembro nas escolas de educação básica. **Debates em Educação**, v. 13, n. 31, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://ufal.emnuvens.com.br/debateseducacao/article/view/10970>. Acesso em: 23 fev. 2026.



SOUZA, A. dos S. Ensino de ciências e as relações étnicoraciais análise na formação de licenciandos do PIBID. **Seminário Interlinhas**, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/asipc/article/view/7558>. Acesso em: 23 fev. 2026.

TODA MATÉRIA. **Zumbi dos Palmares**: quem foi, resumo e história. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/zumbi-dospalmares/>. Acesso em: 23 fev. 2026.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Consciência Negra**. [S. l.], [202-?]. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/tag/consciencia-negra/>. Acesso em: 23 fev. 2026.

